

**A PULSÃO POR DIVERSÃO VERSUS A DISCIPLINA DO APRENDIZADO:
as tecnologias da comunicação e a crise da escola**
THE PULSION FOR FUN VERSUS THE DISCIPLINE OF LEARNING:
communication technologies and school crisis

SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

Resenhado por Bruno Thebaldi (UFF)

“Será que a escola se tornou obsoleta?” É com essa inquietante e cada vez mais eminente questão que a pesquisadora social Paula Sibilía abre seu ensaio, intitulado *Redes ou Paredes: a escola em tempos de dispersão*, no qual, a partir de um olhar centrado nos meios de comunicação e nos dispositivos tecnológicos e informáticos, tais quais os celulares e os computadores pessoais, realiza uma análise da atual situação das escolas, sobretudo as ocidentais. Para isso, Sibilía propõe uma reflexão sobre desde o tipo de corpos e subjetividades para os quais a escola foi criada, durante o período moderno, até ponderar acerca dos modos de “ser” e “estar no mundo” que seriam demandados e formatados no presente, quando então a estudiosa lança uma das indagações capitais de sua obra: de que tipo de escola – ou de que substituto dela – necessitamos hoje em dia?

Primeiramente, Sibilía se debruça em identificar tanto que tipos de corpos e de subjetividades a escola criou em seu apogeu, quanto o *porquê* e *para que* a sociedade moderna (leia-se capitalista e industrial) se dedicou a produzir tal subjetividade. Em uma busca inicial por possíveis respostas, a autora descreve a escola tal qual um “dispositivo”, uma “tecnologia”, um artefato “destinado a produzir algo”. No caso, conforme a ensaísta, a escola atenderia, principalmente, à transmissão do “conhecimento” (tido como primordial) relacionado, notadamente, às ideias do nacionalismo, da cultura, da língua, da tradição e das normas burguesas, dentre as quais a civilidade e a legalidade, o que a inseria e a localizava não só como um agente privilegiado, mas essencial ao projeto de construção e consolidação dos Estados-Nações.

O papel da escola seria, assim, o de ensinar aquilo que, consoante os juízos de valor da época e em concomitância com os controles já praticados pela austera moral familiar, era visto como “correto”. Nesse sentido, a escola é situada tal qual uma instituição arquitetada com o escopo de

satisfazer a um conjunto de demandas peculiares da modernidade, projeto histórico que a delineou e buscou colocá-la em exercício. Com isso, Sibilia tece um diálogo direto com a “sociedade disciplinar” dos estudos do filósofo Michel Foucault, uma vez que põe a escola no mesmo patamar de compatibilidade de instituições como a universidade e a fábrica.

Segundo Sibilia, ao “adestrar” e “disciplinar” as crianças, por meio de seus costumes, a escola desempenhou papel fundamental na construção da modernidade, atuando de maneira a “preparar” os “adultos mirins” às rotinas das demais instituições sociais disciplinares. Dessa forma, tem-se que a escola foi concebida para “produzir” corpos e subjetividades “dóceis” e “úteis”, com motivo de atender às necessidades do mundo capitalista em sua fase industrial, principalmente a demanda das fábricas. Sendo assim, com o intuito de sustentar sua hipótese, a autora coteja o período moderno com o pré-moderno, época na qual não havia escola, justamente porque, conforme Sibilia, não havia motivo que justificasse o elevado gasto social de energia e recursos com tal projeto; por conseguinte, a escola não precisava existir. Para a autora, a razão pela qual o mundo pré-moderno não havia idealizado as escolas é justamente a de que, nesse momento histórico, não havia fábricas. Logo, não era preciso “moldar” os corpos dos sujeitos à sua disciplina.

Outro ponto fundamental para o advento das escolas na modernidade, ainda de acordo com a tese de Sibilia, foi a “invenção da infância”. Isto é, da noção de que as crianças eram seres que deveriam ser protegidos, instruídos, preparados e adaptados. Em suma, aculturados. Pois, se por um lado tamanha rotina (sem dúvida) se demonstrava, no mínimo, maçante, por outro pior ainda seria não estar “apto” (ou melhor, “disciplinado”) para as exigências ou requisitos que o mundo disciplinar esperava dos indivíduos, o que exprimiria senão um “problema”, a própria “inutilidade” do sujeito.

Não obstante, especialmente na segunda metade do século XX, com o enfraquecimento dos preceitos desta sociedade de cunho disciplinante, em virtude do desencadeamento de uma série de lutas em prol das “liberdades individuais” – exatamente contra os rígidos controles das instituições sociais -, e com o respectivo rearranjo de uma gama de valores – socioculturais, políticos, econômicos, ideológicos etc. -, a autora chama atenção para o estabelecimento de uma espécie de “anacronismo” entre o que se passava no âmbito dos recintos escolares e as pulsões em vigor (ou moda) no “mundo exterior”, ou seja, do lado de fora dos muros e paredes dos colégios. Consoante Sibilia, seria principalmente pelo afloramento desse “descolamento” que assistimos, presentemente, àquilo que se convencionou apodar de “crise da escola”, algo que, na opinião da estudiosa, tornou-se ainda mais patente nestas primeiras décadas do século XXI.

Ao atingir esta altura do ensaio, Sibilia argumenta que, com o declínio dos preceitos disciplinares, a escola e seu “classicismo” encontrar-se-ia em contraposição em relação aos “modos de ser contemporâneos”. Estaria havendo, então, um “desajuste histórico”, uma “perda de compatibilidade” de juízos entre esses dois “universos”: a escola não estaria conseguindo acompanhar as rápidas mudanças e transformações (cada vez mais intensas) ocorridas no mundo. Como raiz desta “incompatibilidade”, Sibilia aponta a ascensão dos parâmetros da chamada “sociedade de controle”, descrita por Deleuze, no início dos anos 1990, a qual, ao contrário da disciplinar, estaria embasada, sobretudo, a partir dos fluxos da comunicação e da informação, ademais de parâmetros mercadológicos que incitam e estimulam o “empreendedorismo do eu”. Em outras palavras, trata-se do incitamento à conversão do “eu” em uma marca visível e atraente com o fito de “capturar” o “olhar do outro”, consolidando o que a escritora designa de “espírito empresarial” - estruturado no tripé composto pela mídia, pela tecnociência e pelo mercado -, fomentando, em certo sentido, o fenômeno de espetacularização do “eu”, uma vez que esse “eu”, agora, necessita ser visto ou confirmado pelo outro para ser “alguém”.

Na sociedade de controle, observa-se uma redução do papel do Estado, ao mesmo tempo em que o mercado se fortalece como uma espécie de “megainstituição”, a qual fornece os rumos e principais parâmetros às demais instituições sociais. Nesta “nova cultura”, a escola é vista por seus “alunos-clientes” como uma instituição “atrasada”, “retrógrada”, ou mesmo “antiquada”, que permanece buscando alcançar a uniformidade, a homogeneidade e a normalização, tanto dos alunos quanto do conhecimento, seja através de hábitos fixos, seja por meio da cobrança pelo esforço e pela dedicação concentrada, ao passo que, especialmente por influência das dinâmicas da mídia, *tudo o mais* parece instigar os indivíduos a tentarem construir uma personalidade diferente, única, singular, o que esboça um claro conflito de interesses entre *aquilo que a escola quer* e *aquilo que o mundo pede*. Consequentemente, nos dizeres de Sibilia, a sala de aula torna-se “chata”, bem como sua rotina um “calvário”.

Para a autora, as elevadas taxas de evasão escolar, o desinteresse, a insatisfação, a dispersão e a desvalorização da profissão de educador ou professor são sintomas mais que evidentes desse dilema, pois “enquanto os alunos de hoje vivem fundidos com diversos dispositivos eletrônicos e digitais, a escola continua obstinadamente arraigada em seus métodos e linguagens analógicos” (SIBILIA, 2012, p.181). Tal descompasso é provocado, consoante Sibilia, pelo fato de as crianças de hoje em dia estarem com seu dia-a-dia arraigado nas dinâmicas da mídia e do consumo, lógicas que a escola (ainda) reluta ou evita absorver em suas atividades. Por conseguinte, em um mundo pautado

pelo fluxo midiático e consumista, em vez de gozar de prestígio, a escola padece com o estigma de uma mercadoria “pouco atraente”, um lugar (ainda) pautado pelo viés do letramento, da palavra e da interioridade, valores típicos da subjetividade assinalada pelo sociólogo David Riesman como introdirigida, cuja caracterizada maior é voltar-se ao seu próprio interior, o lugar onde encontraria o “magma” constituinte da essência de seu eu, e que foi marcante principalmente durante o século XIX e início do XX. Atualmente, todavia, longe de estimular o retraimento nas profundezas do âmago, os valores mais em alta estariam orientados pelo culto à performance, à imagem e ao “outro”, consolidando o tipo de subjetividade que Riesman batizou de alterdirigida.

De permeio a essa fissura, são cada vez mais manifestos os episódios envolvendo condutas de inquietação, desatenção e desconcentração por parte dos alunos – ademais de casos de *bullying*, explosões de violência e mesmo de agressão aos docentes - bem condizentes, aliás, com o comportamento, por exemplo, dos espectadores de televisão, assinalando o que se conhece como *zapping*, ou seja, o ato de trocar, de “rodar” continuamente pelos diversos canais ou emissoras sem que, não obstante, o telespectador se atenha por muito tempo à programação ou ao conteúdo de nenhum de eles.

O dilema está formado: de um lado, os alunos, acostumados, enviesados e incitados por toda uma “cultura do espetáculo”, demandam por diversão e entretenimento; do outro, a escola, que não só propõe um mergulho na cultura do letramento, como pouco tem feito para atender tal pleito, à exceção de uma ou outra experiência. Uma hipótese que poderia sanar ou ao menos amenizar dito conflito de interesses, de acordo com Sibilia, seria equipar as escolas com as novas tecnologias da comunicação e da informática, inserindo-as em sua rotina, o que, a seu ver, poderia expandir o universo escolar para além de seus muros e grades, rompendo, por fim, suas outrora rígidas e praticamente impermeáveis “paredes”, em prol do estabelecimento de uma cadeia de “redes”.